

## 4. Inscrição de Pedrogão Pequeno (pag. 105)

A ultima letra da inscripção, representada pelo algarismo «5», é evidentemente «S». O texto é pois:

CICERO  
MANCI  
NABIAE  
L · V · S

O que quer dizer: «Cicero, filho de Mancio, cumpriu de boa mente o voto a Nabia».

Ella vem já no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5623, tendo sido extrahida dos mss. de Moreira<sup>1</sup>.

Admiro-me que Hübner, a proposito do nome *Manci*, diga no commentario «fortasse *Manti* vel *Mantai*», e o considere como estrangeiro «peregrinum», quando temos aqui claramente como nome proprio de um barbaro o cognome romano *Mancius*, que em certa epocha passou á classe dos gentilicios. Além d'isso, no indice do Supplemento do *Corpus*, pag. 1086, o referido epigraphista appõe um asterisco a *Manci*, para indicar que este vocabulo é duvidoso. O Sr. Holder tambem, no *Alt.-celt. Sprachschatz*, II, 401 e 694, ao lado da boa lição *Manci* = *Mancii*, cita inutilmente *Manti* e *Mantai* (embora com interrogação).

*Nabia* era, como creio, uma deusa aquatica, provavelmente de uma fonte. Seu parente era, quanto a mim, *Tongenabiagus*, adorado em Bracara, palavra que se decompõe em *Tonge-nabi-agus* (suff. *-agus* = *-acus*), e que creio significar em lingua celtica um deus por quem se jura. De *Nabia* se conhecem outras inscripções achadas em Portugal e em Hespanha. — D'este assunto me occupo mais desenvolvidamente no vol. II das *Religiões da Lusitania*, que está no prelo.

Paris, Abril de 1901.

J. L. DE V.

### Notícias várias

#### Achado precioso

«Numa propriedade denominada *Bailadeiras*, em Aveiras de Baixo, á beira da formosa estrada que da Azambuja conduz a Alcoentre, andando-se a proceder a um alqueive preliminar para metter vinha

<sup>1</sup> No *Corpus* lê-se, por lapso, *Pedregão* em vez de *Pedrogão*.

americana, foi encontrada uma formosa amphora de barro vermelho, em magnifico estado de conservação. Apenas foi ligeiramente ferida pelo bico da enchada.

O precioso achado foi immediatamente transportado para casa do proprietario da fazenda, o nosso amigo e illustre fidalgo, Sr. D. Francisco da Silva de Noronha (Vagos), onde foi cuidadosamente lavada e limpa.

Mede mais de um metro de altura, tendo no bojo um diametro de 0<sup>m</sup>,4 aproximadamente. Em baixo termina em bico, especie de ferrão, o que torna impossivel conservá-la de pé.

No bojo ha uns hieroglyphos, talvez de grande valor para os entendidos. Ha uma cousa que parece o algarismo 1 e outra muito semelhante ao V calligraphico.

Ainda contém outros arabescos que para os leigos tanto podem ser sulcos e imperfeições do fabrico, como porventura, legendas. Esta amphora estava a dois metros de profundidade.

Um pouco afastado encontrou-se outra amphora, de tamanho enorme, mais alta que um homem, mas, apesar de todo o cuidado com que pretenderam desenterrá-la, ia-se desfazendo á proporção que se ia desacompanhando da terra, não sendo por isso possivel aproveitá-la.

No mesmo local foram encontradas cinco moedas com taes encrustações, que só um numismata poderá determinar-lhes a epocha.

No sítio ha a lenda de que ali existiu uma povoação romana, o que resolveu o Sr. D. Francisco de Noronha a expôr, em Lisboa, o seu achado para os entendidos o examinarem».

(*O Seculo*, de 30 de Setembro de 1898).

---

### Porta do côro da Sé de Evora

A gravura representa a porta do côro da Sé de Evora. Está o magistrado com o livro das culpas, a justiça de gladio erguido na dextra e a balança na mão esquerda, o santo que pede clemencia, as almas penadas no fogo purificante, implorantes ambas, a do homem de braços erguidos, a da mulher de mãos postas.—Rezem, roguem o perdão para a fraca humanidade, suggere a esculptura da porta aos conegos que vão entoar o canto-chão.

É uma esculptura mui perfeita, em carvalho, bem conservada; apenas sob o santo orante se vê um buraco redondo que é de moderna